

A oração é a linguagem da Igreja

A oração é a linguagem da comunidade cristã. Nela revela-se a natureza sobrenatural da comunidade, porque na oração dirigimos a Deus, isto é, Àquele que forma a comunidade. Não rezamos uns para os outros, mas, juntos falamos com Deus, é Ele que nos chama e nos reúne para formarmos o Seu novo. A oração não é uma das muitas atividades da comunidade cristã, mas a sua atividade principal. A Igreja tem também outras atividades, mas nunca poderá ser «tão ocupada» com projetos e planos, que já não tenha tempo para a oração. Quando a oração deixa de ser a sua atividade principal e as suas inúmeras atividades deixam de ser encaradas como parte da própria oração, a comunidade degenera rapidamente num clube que pode ter uma causa comum, mas não uma vocação comum.

A comunidade cristã é comunidade orante porque é o Povo de Deus e Deus está presente nela. A oração é, antes de mais nada, a realização da presença de Deus no meio do seu povo e, por conseguinte, a realização da própria comunidade. O mais notório e perceptível são as palavras, os gestos e o silêncio, através dos quais se forma a comunidade. Quando escutamos a Palavra, não recebemos apenas critérios sobre o trabalho salvífico de Deus, mas experimentamos também um laço mútuo. Quando nos colocamos em volta do altar, comemos o pão e bebemos o vinho, nos ajoelhamos em meditação ou caminhamos em procissão, não só recordamos a intervenção de Deus na história da humanidade, mas tornamo-nos também conscientes da sua presença criativa aqui e agora. Quando ficamos sentados juntos, numa oração silenciosa, criamos um espaço onde sentimos que aquele por quem esperamos já nos toca, como tocou Elias de pé em frente da caverna (cf. 1Reis 19, 13).

Mas as mesmas palavras, gestos e silêncios são igualmente modos através dos quais a comunidade se aproxima d'Àquele que aguarda. As palavras que utiliza são as palavras de quem deseja ardentemente o encontro. Aquele pequeno pedaço de pão que comemos e aquela pequena porção de vinho que bebemos tornam-nos conscientes da nossa da nossa fome e da nossa sede mais profundas e o silêncio aprofunda a nossa sensibilidade para escutar a voz de Deus que nos convoca e envia. Por conseguinte, a oração é, também, a expressão da sua insatisfação e do desejo de chegar à casa de Deus. Assim, a comunidade orante celebra a presença de Deus enquanto a espera, e afirma a sua ausência enquanto reconhece que Ele já está no meio de nós. Assim a presença de Deus torna-se um sinal de esperança e a sua ausência uma chamada

à penitência.

A oração como linguagem da comunidade é como a nossa língua materna. Tal como uma criança aprende a falar com os seus pais, irmãos, irmãs e amigos, e, no entanto, desenvolve uma forma única de se exprimir, do mesmo modo a nossa vida individual de oração se desenvolve pela solicitude da comunidade orante.

Por vezes é difícil indicar alguma estrutura organizada específica que possa ser chamar a «nossa comunidade». A nossa comunidade é muitas vezes uma realidade intangível, composta por pessoas, tanto vivas quanto mortas, tanto presentes quanto ausentes, tanto próximas quanto distantes, tanto velhas quanto novas. Mas sem alguma espécie de comunidade a oração individual não pode nascer nem desenvolver-se. A oração comunitária e a oração individual pertencem uma à outra como as duas faces da mesma moeda. Sem comunidade, a oração individual degenera facilmente num *comportamento egocêntrico e excêntrico*, mas sem a oração individual a oração da comunidade torna-se rapidamente numa rotina sem sentido.

A oração individual e a oração comunitária não podem ser separadas sem prejuízo. Isto explica por que é que os guias espirituais tendem a ser muito críticos em relação àqueles que pretendem isolar-se e sublinham a importância de laços contínuos com a comunidade mais alargada, onde a oração individual pode ser guiada. Isto explica ainda o porquê os mesmos guias encorajarem sempre o membro individual das suas comunidades a passar tempo e a gastar energia na oração individual, percebendo, enquanto o faz, que só a comunidade nunca poderá preencher o desejo da mais única e íntima relação entre o ser humano e o seu Deus.

Uma comunidade de “espera” até ao último dia

A oração do nosso coração pode fortalecer-se e aprofundar-se dentro das fronteiras da comunidade de fé. A comunidade de fé, fortalecida em amor pelas nossas orações individuais, pode erguê-las como um sinal de esperança, em exaltação comum e ação de graças. Juntos buscamos Deus para além das nossas inúmeras limitações, enquanto oferecemos uns aos outros o espaço para a nossa busca mais pessoal. Podemos ser pessoas muito diferentes, de nacionalidades diferentes, raças, histórias, caracteres e aspirações diferentes, mas Deus chamou-nos a todos para longe das trevas das nossas ilusões, para a Luz da sua glória. Este

chamamento comum transforma o nosso mundo no local onde o Getsémani e o Tabor podem existir juntos, o nosso tempo em tempo de espera paciente, mas alegre pelo último dia, e nós em irmãos e irmãs de cada um dos outros. São Paulo encoraja-nos a sermos fiéis a este chamamento comum ao escrever:

Vós próprios sabeis perfeitamente que o dia do Senhor chega de noite como um ladrão. Mas vós, irmãos, não estais nas trevas, de modo que esse dia vos surpreenda como um ladrão. Na verdade, vós sois filhos da luz e filhos do dia. Não somos nem da noite nem das trevas. Não durmamos, pois, como os outros, mas vigiemos e sejamos sóbrios. Sejamos sóbrios, revestidos com a couraça da fé e da caridade e com o elmo da esperança da salvação. De facto, Deus não nos destinou à ira, mas à posse da salvação por meio de Nosso Senhor Jesus Cristo, que morreu por nós, a fim de que, quer durmamos quer estejamos vigilantes, com Ele vivamos unidos. Consolai-vos, pois uns aos outros, e edificai-vos reciprocamente» (1Tess 5,2.4-6.8-11).

Quando nos aproximamos de Deus, individual e também comunitariamente, lutando constantemente contra as ilusões que nos mantêm cativos, podemos entrar em união íntima com Ele, enquanto aguardamos o dia da sua última vinda. Então as palavras da canção do velho peregrino tornam-se nas nossas palavras:

Levanto os olhos para os montes:

de onde me virá o auxílio?

O meu auxílio vem do Senhor

que fez o céu e a terra.

Ele não deixará que vacilem os teus pés;

aquele que te guarda, não dormirá...

Pois não há-de dormir nem dormirar,

aquele que guarda Israel.

O Senhor é quem te guarda e está a teu lado.

Ele é a tua proteção.

O Sol não te fará mal durante o dia,

nem a Lua, durante a noite.

O Senhor protege-te de todo o mal
e vela pela tua vida.

O Senhor protege-te nas tuas idas e vindas,
agora e para sempre.

(Salmo 121)

Conclusão

Na noite, antes da sua morte, Jesus disse aos seus apóstolos: *Ainda um pouco, e deixareis de me ver, e um pouco mais, e por fim me vereis. Em verdade, em verdade vos digo: haveis de chorar e lamentar-vos, ao passo que o mundo há-de gozar. Vós haveis de estar tristes, mas a vossa tristeza há-de converter-se em alegria! Vós vos sentis agora tristes, mas eu hei-de ver-vos de novo! Então, o vosso coração há-de alegrar-se e ninguém vos poderá tirar a vossa alegria. (Jo 16, 20.22)*

Vivemos neste pouco tempo, um tempo, de facto, cheio de tristeza e pesar. Viver este pouco tempo no espírito de Jesus Cristo significa aproximarmo-nos no meio do nosso sofrimento e deixá-lo ser consumido em alegria pelo amor dele, que se pôs ao nosso alcance. Não temos que negar ou evitar a nossa solidão, as nossas hostilidades ou as nossas ilusões. Pelo contrário: quando tivermos a coragem de permitir que estas realidades mereçam toda a nossa atenção, as compreendermos e confessarmos, elas podem transformar-se lentamente em recolhimento, hospitalidade e oração. Isto não implica que uma vida espiritual madura seja uma vida em que o nosso velho e hostil eu com todas as suas ilusões, desapareça sem mais nem menos e vivamos em completa serenidade com um espírito tranquilo e um coração puro. Tal como a nossa idade adulta mostra as marcas das lutas da nossa juventude, assim o nosso recolhimento carrega os sinais de horas solitárias, a nossa solicitude pelos outros reflete por vezes sentimentos de revolta e a nossa oração revela por vezes a recordação e a presença de muitas ilusões. Todavia, transformados no amor, estes sinais de sofrimento tornam-se em sinais de esperança, tal como as feridas de Jesus perante o incrédulo Tomé.

Depois de Deus nos ter tocado no meio das nossas lutas e ter criado em nós o desejo ardente de estarmos unidos com Ele para sempre, encontraremos a coragem e a confiança para preparar o Seu caminho e convidar todos os que partilham a nossa vida a esperar connosco

durante este pouco tempo pelo dia da alegria total. Com esta nova coragem e nova força podemos fortalecer-nos uns aos outros com as palavras cheias de esperança que Paulo a Tito:

Com efeito, manifestou-se a graça de Deus, portadora de salvação para todos os homens, para nos ensinar a renúncia à impiedade e aos desejos mundanos, a fim de vivermos no século presente com sobriedade, justiça e piedade, aguardando a bem-aventurada esperança e a gloriosa manifestação do nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo (Tito 2, 11-13).